

# Consciência e memória como objetos da comunicação: o approach de Marshall McLuhan\*

## RESUMO

O estudo analisa como o tema da *memória* comparece articulado ao da *consciência* e ao do avanço e desenvolvimento das tecnologias da comunicação na obra do pensador canadense Marshall McLuhan. Busca-se definir os sentidos de *memória* e de *consciência* no referido autor, recorrendo a esses conceitos como estratégia para se pensar novos objetos de estudo dentro do campo da comunicação contemporânea - reconhecidamente marcado por condicionantes tecnológicos - e, assim, reconsiderar a importância de McLuhan, ainda hoje, na análise dos fenômenos e dinâmicas comunicacionais.

## ABSTRACT

This study analyses the concepts of memory and conscience and their relationship with advances in the new technologies of communication, according to McLuhan's ideas.

## PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Consciência (Conscience)
- Memória (Memory)
- McLuhan

## Introdução

OS TEMAS DA MEMÓRIA e da consciência dentro do campo da comunicação vêm ganhando expressão em diferentes publicações que tratam, particularmente, de como os novos meios, ao tecerem suas dinâmicas comunicacionais, afetam a cultura. A simples idéia de rede, como um gigantesco banco de dados disponível em boa parte a qualquer um que possa se conectar com o mesmo, já recolocou a questão da memória no centro das reflexões sobre os processos de comunicação contemporâneos. Por outro lado, bastaria checar todos aqueles autores que dedicam parte das suas reflexões investigando as possibilidades de uma afetação das subjetividades contemporâneas a partir dos mesmos novos meios, para comprovar a entrada da consciência como um novo objeto dos estudos de comunicação relacionados às novas tecnologias informacionais.<sup>1</sup> A proposta deste artigo é pensar, portanto, os temas da consciência e da memória em um autor que, embora considerado um clássico no que tange aos estudos dos meios de comunicação, dificilmente seria reconhecido como estudioso dos temas em questão. A proposta é, ainda, demonstrar a validade de McLuhan ainda hoje, como um estudioso *avant la lettre* de temas que hoje se inserem como novos objetos no campo da comunicação.

## Figura e fundo

McLuhan sempre chamou atenção para o fato de que toda e qualquer investigação

Vinícius Andrade Pereira\*\*

deveria desviar o olhar fixo do objeto que se busca apreender, focando o fundo adjacente ao objeto, pois este fundo seria capaz de revelar novas facetas do objeto em questão. Esta seria uma estratégia para apreender de maneira mais ampla as possíveis relações do objeto de estudo com acontecimentos outros que, não raramente, são difíceis de serem percebidas. Tais relações, quando reveladas, podem dar novos significados ao objeto e ao contexto no qual aquele está inserido. Aposta-se, assim, com tal metodologia, na impossibilidade de se separar rigidamente sujeito, objeto e contexto, ou, simplesmente, *figura e fundo*.

Quando fala sobre o automóvel, por exemplo, McLuhan chama a atenção para o fato de que o automóvel traz consigo toda uma reestruturação das cidades, bem como uma série de bens e serviços tais como postos de gasolina, pistas de alta velocidade, fábricas e companhia de petróleo, sem os quais toda a complexa relação que envolve as pessoas e os carros não pode ser plenamente apreendida.

Para McLuhan, o homem letrado, visual por excelência, que tende a fragmentar e compartimentalizar todas as coisas a fim de melhor controlá-las, ao confrontar-se com quaisquer objetos que queira apreender, com frequência ignora o rico tecido que liga *figura e fundo*, fixando o olhar apenas no objeto, a figura destacada de um fundo opaco.

A princípio, a *memória* não faz parte do conjunto de objetos explícitos com os quais McLuhan trabalha. Como pôde, então, surgir a proposta de tomá-la, junto com da idéia de *consciência*, como um dos temas mcluhanianos, propondo-se, ainda, a partir destas idéias, retomar McLuhan para a leitura das dinâmicas contemporâneas de comunicação? A resposta a tal questão estará na adoção da metodologia sugerida por McLuhan, aplicada a ele próprio. Trata-se, então, de explorar McLuhan buscando fazer emergir um *fundo* para as principais *figuras* tratadas por ele, a fim de encontrar uma linha de fuga a partir da qual se possa rever

seus principais temas sob aspectos, quem sabe, ocultos da maioria dos seus leitores e comentadores.

A memória e a consciência na obra de McLuhan, assim, serão entrevistadas quando se realiza uma dobra no pensamento de McLuhan, aplicando-o sobre si mesmo, estendendo-o.

### **Figuras mcluhanianas: meios e extensões tecnológicas**

Pensar um tema ou objeto principal na obra de McLuhan pode parecer tarefa simples, uma vez que suas principais idéias já foram alardeadas sob a forma de divisas, cujas mais famosas, sem dúvida alguma, são: *o meio é a mensagem* e *as tecnologias são extensões do homem*. Daí, poder-se-ia apostar que os objetos de estudo de McLuhan seriam idéias tais como o *meio*, a *mensagem*, as *tecnologias*, a idéia de *extensões humanas*, dentre algumas outras possíveis.

Ocorre, porém, que, se há diferentes *figuras/McLuhan* sobrepondo-se umas às outras -, na forma de um pensador complexo e, não raramente, contraditório -, também os seus objetos de estudos assim o farão, transformando-se ao longo de todo o percurso do autor, como ocorre, aliás, na obra de tantos outros pensadores prolíficos.

Dentro desta perspectiva, buscar os objetos primeiros abordados por McLuhan implica reconhecer que no jogo contínuo de rebatimento entre figura e fundo alguns desses objetos sofrerão alargamentos conceituais, o que exigiria que os mesmos fossem considerados em progressão, em diferentes momentos, abordagem esta que não será empreendida no presente artigo, tendo em vista as limitações editoriais do mesmo.<sup>2</sup>

Feita a ressalva, indaga-se novamente, quais seriam, então, os temas principais, os objetos de estudo, por excelência, tratados por McLuhan? É o próprio autor quem responde a esta questão, escrevendo explicitamente sobre este ponto, em uma carta enviada a Robert Fulford, no ano de 1964:

"My main theme is the extension of the nervous system in the electric age and thus the complete break in 5000 years of mechanical technology. This I state over and over again".<sup>3</sup>

*Mas o que seria esta extensão do sistema nervoso na era elétrica?*

Com McLuhan deve-se interpretar a idéia das *extensões*, sempre sob a ótica da lógica complementar do processo *figura/fundo*, como a idéia de que uma tecnologia de comunicação, ao vir à tona, não ser considerada apenas como a chegada de um dispositivo técnico, com o qual se atende a uma demanda funcional, especificamente requerida por uma determinada sociedade. Uma extensão tecnológica deve ser entendida, principalmente, como um novo modelo gramático a propor padrões de organização e de disponibilização de informações, qual uma linguagem. É, novamente, o próprio autor quem pode explicitar ainda melhor este ponto:

"I have insisted that any new structure for codifying experience and moving information, be it alphabet or photography, has the power of imposing its structural character and assumptions upon all levels of our private and social lives - even without benefit of concepts or of conscious acceptance... That's what I've always meant by "the medium is the message".<sup>4</sup>

Na perspectiva trabalhada por McLuhan, uma *extensão tecnológica* pode ser pensada, então, como um *meio* e um *meio* como uma *extensão tecnológica*. E ambos podem ser tomados como *linguagens*. *Linguagem* como uma lógica que operando sobre signos produz mensagens. Assim, chega-se à frase mais famosa de McLuhan, *o meio é a mensagem*. A temática das extensões tecnológicas pode ser tomada, assim, como sinonímia da temática do *meio/mensagem*. Esta relação de absoluta cumplicidade e

complementaridade que existe entre ambas as temáticas será trabalhada de diferentes maneiras ao longo de toda a produção de McLuhan. É evidenciada, por exemplo, no trecho seguinte:

"(...) the medium is the message. This is merely to say that the personal and social consequences of any medium – that is, of any extension of ourselves – result from the new scale that is introduced into our affairs by each extension of ourselves, or by any new technology".<sup>5</sup>

A idéia de *meio*, portanto, em uma das acepções propostas por McLuhan se apresenta como sinônimo de *extensão tecnológica*.<sup>6</sup>

## **Fundos mcLuhanianos: consciência e memória**

Como um desdobrar do entrecruzamento das temáticas das *extensões* e do *meio*, surge uma outra, trazida pelas temáticas anteriores, e muito importante em todo o trabalho de McLuhan. A idéia de uma extensão da consciência que será conquistada não apenas com o contínuo acúmulo de conhecimento ao longo da história, mas, principalmente, com as novas possibilidades de rearranjar tais conhecimentos, através das mídias eletrônicas.

Neste ponto, deve-se retomar, pois, à questão há pouco anunciada: o que seria a idéia de extensão do sistema nervoso na era elétrica, afirmada pelo próprio McLuhan como seu tema principal de trabalho?

McLuhan sugere, ao longo dos seus textos, que alterações quanto às tecnologia de comunicação proporcionariam novos modelos de subjetividade, como um todo, e de consciência, em particular. Com a entrada em cena dos meios eletrônicos, então, novas formas de perceber, de processar e de estocar informações levariam a uma nova forma de consciência.<sup>7</sup>

O ponto seria tentar entender o momento da passagem de uma forma de se adquirir conhecimento - que dentro do modo tradicional da escrita se dava paulatinamente, somando os conhecimentos fragmentados em um lento e sistemático processo - para um outro modo - possibilitado por toda uma nova geração de meios, do telégrafo ao computador -, cujas marcas seriam processos instantâneos, onde a apreensão das mensagens/informações se dá de forma imediata, muitas vezes no momento mesmo em que os acontecimentos a serem comunicados estariam ocorrendo. É isto que McLuhan afirma ao escrever, por exemplo:

“Is that not what has happened in physics as in painting, poetry, and in communication? Specialized segments of attention have shifted to total field...”<sup>8</sup>

“At electric speeds of data processing, we become aware of environments for the first time. (...) Electric technology offers, perhaps for the first time, a means of dealing with the environment itself as a direct instrument of vision and knowing”.<sup>9</sup>

A idéia-chave, aqui, é a imposição de um novo padrão organizacional que reorganiza as informações disponíveis e, com isso, permite a evidência de aspectos novos, outrora ocultos pelo formato com que as informações se organizavam.

Há, vividamente presente em McLuhan, a intuição de que mais do que simplesmente o acúmulo de informações, as novas gerações experimentariam a emergência de uma nova forma de consciência, em função de como as informações acumuladas podem ser acessadas.

Quando esse conjunto informacional é disponibilizado instantaneamente, em volume crescente, com a TV e com os computadores em rede, um processo de *tradução* das culturas pode se dar como uma grande rede holística, poliglota e instantânea. A cons-

ciência se exterioriza e assume dimensões *transindividuais*, isto é, assume a dimensão de subjetividades múltiplas, conectadas.

“In the electric age we see ourselves being translated more and more into the form of information, moving toward the technological extension of consciousness. That is what is meant when we say that we daily know more and more about man. We mean that we can translate more and more of ourselves into other forms of expressions that exceed ourselves (...) With the new media (...) it is also possible to store and to translate everything;”<sup>10</sup>

O tema da mudança dos modos de consciência em McLuhan pode ser acompanhado em dois momentos distintos, dando conta de três formas de consciência: 1º momento - a passagem das sociedades orais para aquelas que dominavam a escrita, o que McLuhan analisa, especialmente, no livro *The Gutenberg Galaxy*.

Momento no qual um modelo de consciência tribal, coletiva, apta a lidar com a simultaneidade, cede espaço ao comparecimento de uma forma de consciência individualizada, fragmentada, apta a lidar com o seqüencial e analítico, trazida com a escrita; 2º momento: a passagem das sociedades fundadas em torno da escrita para uma sociedade em que se organiza em função do advento das mídias eletrônicas - momento que McLuhan analisa, principalmente, em *Understanding Media* e *The medium is the message*. Nesse momento McLuhan pontua a mudança de um modo de consciência individual para um modo conectivo, estendido, exteriorizado e não-linear, capaz de lidar com o simultâneo novamente, porém, de forma ainda mais complexa se comparado com o modo de consciência típica das sociedades orais, pré-letradas.

Considerando que o primeiro movimento de mudança, das sociedades orais para as sociedades com escrita, foi bastante focado por autores com os quais McLuhan

dialogou, principalmente por Eric Havelock, o seu interesse irá recair, sobretudo, no segundo movimento descrito, isto é, na passagem de um modo de consciência que se construiu aos poucos, de forma progressiva e linear, com a escrita, para um modo holístico e instantâneo, típico dos meios eletrônicos.

Esta associação, proposta por McLuhan, entre tecnologia de comunicação e modelo de consciência pode ser lida, ainda, como uma investigação, paralela, em torno das bases mnêmicas que servem a diferentes modalidades de consciência que se revelam ao longo da evolução da humanidade.

Observa-se, pois, como a memória comparece neste ponto, ainda que, qual a questão da consciência, como um *fundo* dentro das temáticas mcluhanianas, como uma idéia importante para se compreender os processos de traduções e de transformações subjetivas e culturais que McLuhan explora ao longo de toda a sua obra.

Considerando que esta questão da articulação entre memória, meio e consciência constitui uma das relações possíveis dos jogos entre *figura* e *fundo* na obra de McLuhan, deter-se-á um pouco mais neste ponto.<sup>11</sup>

### **Consciência como figura, memória como fundo**

A palavra consciência, ao se confundir com o indivíduo no século IV a.C., acabará por se aproximar de instâncias éticas e morais, ganhando dentro das tradições filosófica e religiosa ocidentais um estatuto equivalente à idéia de *humano*. Ou seja, fortemente marcados pelo legado cartesiano, muitos reconheceriam e aceitariam de bom grado a comparação que propõe que ser *humano* é ser *consciente*. Assim sendo, estes mesmos não se sentiriam muito à vontade com idéias que atestam coisas do tipo *a consciência é uma ilusão*, sem com isso também experimentarem a idéia de falência do projeto humano.

Dentre as muitas abordagens possíveis para o problema de se definir o que seja a consciência, um ponto se afirma dentro das perspectivas contemporâneas: as diferentes propostas conceituais a tomam, cada vez mais, como um *processo*, do que como uma faculdade cognitiva independente, fixa, localizada em alguma região cerebral específica.

Para uma compreensão passível de ser aplicada aos objetivos explícitos do percurso investigativo que ora se realiza, adotar-se-á a idéia de que a consciência seria uma propriedade que emerge no cérebro como um efeito global, resultado das conexões entre diferentes formas de memórias - memória de longo prazo, memória de curta duração ou recente, memória de trabalho, memória episódica e memória semântica<sup>12</sup> - e que tem como função básica costurar, em um *todo*, os diferentes sentidos que, ao longo da vida, se apresentam para as coisas e para si mesmo. Costura esta que resulte em um sentido capaz de ser funcional, em termos de continuidade e em termos de orientação no mundo, para quem a produz. Ou seja, há que se produzir, com tal experiência, um saber que responda, minimamente, questões do tipo: *o que se é? o que se busca? por onde ir?...*

Tal perspectiva, aliás, permite a adoção da idéia de que seria a memória a estrutura a garantir uma identidade mínima a um dado sistema<sup>13</sup>, entendendo, no caso, a consciência como a instância que responde por uma certa noção de *identidade* em um sistema humano. A memória seria, assim, o *fundo* da *figura consciência*.

Se a consciência está diretamente relacionada com a idéia de uma identidade, no caso dos sistemas humanos esta identidade pode ser pensada como a noção de um *eu* e é bem possível que a idéia de *eu*, como algo distinto de um grupo social, tenha sido uma evolução de uma outra forma de consciência, coletiva, uma vez que a humanidade teria vivido um bom tempo da sua existência prescindindo de um *eu-indivíduo*, conforme a tese defendida por McLuhan, junto com

Havelock.

McLuhan irá notar que essa experiência de comparecimento da consciência na forma de um *eu* somente se dará quando a escrita emerge funcionando como uma memória, permitindo um movimento recursivo, de dobra sobre aquilo que se fala e que se apresenta no dia-a-dia da sociedade em questão - o próprio corpo discursivo desta sociedade -, permitindo, pois, que aquele que domine as letras se destaque deste corpo discursivo, comparecendo como algo distinto e singular, capaz de analisar, a distância, este próprio corpo discursivo. Esta concepção já fora trabalhada por Havelock, para quem o aparecimento do pensamento filosófico e, posteriormente, científico, na acepção que a modernidade irá dar a este termo, é resultado direto dos efeitos da escrita sobre a sociedade grega do século quarto a.C.<sup>14</sup>

Havelock irá apontar a escrita como a tecnologia que teria conseguido iniciar um corte dentro da tradição grega oral, mantida, particularmente, através de récitas como a poética homérica, na qual os membros daquela sociedade eram arrastados no turbilhão rítmico, sonoro, melódico e gestual das palavras que recriavam as epopéias de seus heróis.

A observação de Havelock recai sobre o fato de a poesia funcionar como mnemotécnica a garantir a fixação de um conjunto de referências simbólicas para um dado povo que, deste modo, garantiria a transmissibilidade dos valores gregos às gerações futuras. Sobre este ponto específico, McLuhan escreveu:

“Homer’s “Iliad” was the cultural encyclopedia of pre-literate Greece, the didactic vehicle that provided men with guidance for the management of their spiritual, ethical, and social lives. All the persuasive skills of the poetic and the dramatic idiom were marshaled to insure the faithful transmission of the tradition from generation to generation.

These Bardic songs were rhythmically organized with great formal mastery into metrical patterns which insured that everyone was psychologically attuned to memorization and easy recall. There was no ear illiteracy in pre-literate Greece”.<sup>15</sup>

A entrada da escrita em cena, ao permitir que se pudesse apreciar *de fora* todo o conjunto de saberes embutidos nas palavras repetidas por todo um grupo, possibilitaria um distanciamento crítico em relação a este mesmo grupo e, assim, possibilitaria, também, a emergência da experiência da individuação. É o advento da *Psyché*, como acepção grega para a idéia de uma alma, sede das ações morais e do conhecimento científico, não mais determinada pelo conjunto de orientações postas exclusivamente pela cultura.

Havelock aposta que a dialética platônica mais não teria feito do que se fiar nesta dinâmica intrínseca à própria tecnologia escrita, que veio permitir que qualquer pessoa pudesse refletir sobre quaisquer idéias de maneira genuína, a partir de mensagens que podiam ser tomadas destacadas, tanto de outras idéias que lhe fossem anteriores quanto dos seus contextos e emissores originais, podendo, assim, serem dissecadas em diferentes possibilidades reflexivas. Este exercício levaria, conforme Havelock, a uma outra característica subjetiva caríssima ao Ocidente: a separação do conhecedor e do objeto conhecido. McLuhan escreve a esse respeito:

In the “Republic”, Plato vigorously attacked the oral, poetized form as a vehicle for communicating knowledge. He placed for a more precise method of communications and classification (“The Ideas”), one which would favor the investigation of facts, principles of reality, human, nature, and conduct”.<sup>16</sup>

O que se pode ver aqui, ainda, é a

idéia de que com a escrita toda uma reordenação de subjetividades, que inclui novas possibilidades de pensamento, tal como a crítica, a lógica não contraditória e, em breve, o próprio discurso científico, estará sendo implementada.<sup>17</sup>

O ponto a ser destacado aqui é a presença da função mnêmica na própria escrita, possibilitando a fixação de conteúdos de tal maneira que se pôde, de forma distanciada, se voltar sobre estes mesmos conteúdos em análises e reflexões que possibilitaram a emergência de um novo modo de processar informações e, com isso, uma nova modalidade de consciência.

## **Conclusão**

A idéia a ser destacada em toda essa reflexão é a de que, inerente aos próprios meios, como uma linguagem, a memória, em função da estrutura do próprio meio em que se dá, compõe subjetividades e pode fazer emergir formas de identidades complexas como a consciência - sendo que esta pode variar em termos de como é caracterizada (racional, analítica e verbal, ou mítica, emocional, paradoxal, não verbal...).

É neste sentido que McLuhan, ao ver a escrita como uma linguagem, como uma memória, como um meio - perpetuando um conjunto de mensagens, libertando o homem do peso da tradição imposto pela cultura oral -, reconhecerá a emergência de um novo modelo de consciência que passa a marcar-se pela individualidade, pela forma de percepção em recortes, típica da visão analítica que separa todas as coisas em fragmentos, gerando, pois, uma cultura classificatória, analítica e enciclopedista. Compreende e reconhece, então, que com a entrada em cena dos meios eletrônicos, bem como com o incremento destes meios, através do computador, um movimento de superação quanto àquele modelo de memória, em favor de uma memória complexa, criativa, transformadora da experiência humana, estará em processo e, assim, em pro-

cesso também estarão novas possibilidades de consciência.

"Shakespeare speaks of a world into which, by programming, as it were, one can play back the materials of the natural world in a variety of levels and intensities of style. We are close to doing just this on a massive scale at present time electronically.

(...) The poet Stéphane Mallarmé thought 'the world exists to end in a book.' We are now in a position to go beyond that and to transfer the entire show to the memory of a computer. For man, as Julian Huxley observes, unlike merely biological creatures, possesses an apparatus of trans-mission and transformation based on his power to store experience. And his power to store, as in a language itself, is also a means of transformation of experience..."<sup>18</sup>

Assim, ao falar do computador e de novas mídias, McLuhan irá falar, então, de uma nova forma de consciência transindividual, conectada, não mais referendada na tradição racionalista ocidental:

"The next medium, whatever it is - it may be the extension of conscio-usness... Survival now would seem to depend upon the extension of consciousness itself as environment. This extension has already begun with the computer... It may be worth mentioning the structural features of analogy since with the computer there has risen the possibility of extending consciousness itself as a technological environment. If this is to be done, it cannot be done on the basis of any existing notion of rationality".<sup>19</sup>

Investigar a plausibilidade da emergência de novos modelos de consciência, garantidos por novos dispositivos mnêmicos, trazidos por meios/linguagens, como fatores interdependentes que ora soam

como determinantes dos processos comunicacionais, ora soam como determinados por estes mesmos processos, é apenas um dos muitos desafios postos ao estudioso da comunicação. Esta parece ser uma das muitas inquietações que o estudo da obra de McLuhan pode revelar, possibilitando, ainda, que se volte para as análises das dinâmicas dos meios de comunicação hodiernos com um olhar mais sensível ao contínuo e sutil jogo das sobreposições de figuras e fundos, jogo este que tais meios parecem jogar com extrema mestria •

## Notas

\* O presente texto é uma versão, com algumas modificações, daquele apresentado no NP *Tecnologias da Informação e da Comunicação*, na Intercom de 2003, cujo título original era *Consciência e Memória na Comunicação: o approach de Marshall McLuhan*.

\*\* O autor é doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ, professor adjunto do Departamento de Teoria da Comunicação e da linha *Novas Tecnologias e Cultura*, do programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social da UERJ; pesquisador associado do CiberIdea/ECO/UFRJ e do McLuhan Program in Culture and Technology, Universidade de Toronto, Canadá.

1 Neste caso pode-se citar desde os textos que rapidamente se popularizaram entre os estudantes de comunicação acerca das novas tecnologias de comunicação, como aqueles de Pierre Lévy, até todo um conjunto de reflexões de autores tais como Muniz Sodré, Derrick de Kerckhove, Margareth Wertheim, Sherry Turkle, Joshua Meyrowitz, Ken Hillis, dentre tantos outros, que abordam o tema da consciência e das mudanças subjetivas a partir das novas tecnologias de comunicação.

2 Para uma reflexão mais aprofundada de todo o conjunto de objetos que o presente artigo aborda ver Pereira, V.A. *Comunicação e Memória Estendendo McLuhan*. Tese de doutorado em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ, RJ/2002.

3 McLuhan, M. "Carta de McLuhan a Robert Fulford, 1º de junho de 1964"; In *Letters of McLuhan*; p. 300. Editado por Molinaro, M., McLuhan, C. e Toye, W. Toronto, 1987.

4 McDonnell, T. P., *apud* McLuhan. *Marshall McLuhan - The Man who infuriates the Critics*. p. 32.

5 McLuhan, M. *The Medium is the message*, p. 23.

6 A idéia de *meio* na obra de McLuhan é um daqueles conceitos que, tal como mencionado, se transforma profundamente ao longo da produção acadêmica do autor. Para uma apreensão em maior profundidade das diferentes acepções que este termo ganha em diferentes fases da produção de McLuhan ver em Pereira, V. A. *op. cit.*

7 Observa-se que a palavra *consciência* em McLuhan, como no presente texto, deve ser entendida distante de uma perspectiva ontológica, próxima de uma perspectiva histórica, como um *modo de perceber o mundo e a si mesmo*. Dentro da presente acepção, consciência se distancia, ainda, da clássica perspectiva cartesiana, na qual é entendida como o teatro mental que representa o mundo para um único espectador: o *sujeito*. Cf. in Dennett, D. *Tipos de Mente*. Esta questão é desenvolvida em seguida.

8 McLuhan, M. *Understanding Media: The extensions of man*; p. 28.

9 McLuhan, M., *apud* McLuhan, E. e Zingrone, F. In *Essential McLuhan*. p. 275.

10 McLuhan, M. *Understanding Media: The extensions of man*; pp. 64-65

11 Para uma análise mais aprofundada deste ponto sugere-se ver em Pereira, V.A. *op. cit.*

12 As diferentes *memórias* irão variar conforme as proposições de diferentes autores. A distinção, por exemplo, entre *memória episódica* e *semântica* é proposta do neuro-psicólogo canadense Endel Tulving. Para uma consideração ampla sobre as diferentes formas de memória, ver em *Psicologia Cognitiva*, uma excelente obra escrita por Robert Sternberg sobre as principais tendências em estudos psiconeurais na contemporaneidade.

13 A idéia de que uma memória é a condição mínima para a manutenção de uma identidade sistêmica encontra acolhida dentro das ciências da comunicação, por exemplo, no pensamento de Norbert Wiener. Cf., Wiener, N. *Cibernética e Sociedade*.



---

14 Cf. Havelock, E. *Preface to Plato*.

15 McLuhan, M. *The medium is message*, p. 113

16 McLuhan, M., *apud*. McLuhan, E. e Zingrone, F. In *Essential McLuhan*, p. 299.

17 Para todas as idéias de Havelock mencionadas ver, na obra citada, particularmente os capítulos 11 e 12.

18 McLuhan, M. *Understanding Media: The extensions of man*; p. 79.

19 McLuhan, M., *apud*. McLuhan, E. e Zingrone, F., *op. cit.* p. 296.

## Referências

DENNETT, D. *Tipos de Mente - Rumo a uma compreensão da consciência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HAVELOCK, Eric A. *Preface to Plato*. Cambridge, Massachusetts; London: The Belknap Press, Harvard University, 1963.

LE GOFF, J. "Memória". In: *Enciclopedia Einaudi*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. "Escatologia". In: *Enciclopedia Einaudi*, Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.

McDONNELL, T. P. *Marshall McLuhan - The Man who infuriates the Critics*. (artigo sem referências pesquisado nos arquivos do *McLuhan Program in Culture and Technology*, Universidade de Toronto, Canadá.).

McLUHAN, Eric e ZINGRONE, F. *Essential McLuhan*. Toronto: House of Anansi Press Lt, 1995.

McLUHAN, M. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

\_\_\_\_\_. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: The New American Library, 1964.

\_\_\_\_\_. *Letters of McLuhan*; Editado por Molinaro, M., McLuhan, C. e Toye, W. Toronto, 1987.

McLUHAN, M.; Fiore, Q. *The Medium is the Message: An Inventory of Effects*. New York: Bantam Books, 1967.

ORNSTEIN, R. *A Evolução da Consciência: de Darwin a Freud, a origem e os fundamentos da Mente*. São Paulo: Best Seller, 1991.

\_\_\_\_\_. *A Mente Oculta: Entendendo o Funcionamento dos Hemisférios*. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA, Vinícius A. *Comunicação e Memória: Estendendo McLuhan*. Tese de doutorado em Comunicação e Cultura. ECO/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

STERNBERG, R. J. *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

WIENER, N., *Cibernética e Sociedade - O uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1968.